XXVIII ENCONTRO NACIONAL DO CONPEDI GOIÂNIA – GO

DIREITO, ARTE E LITERATURA

ROSÁLIA MARIA CARVALHO MOURÃO

MARCELO CAMPOS GALUPPO

PEDRO SERGIO DOS SANTOS

Copyright © 2019 Conselho Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Direito

Todos os direitos reservados e protegidos. Nenhuma parte destes anais poderá ser reproduzida ou transmitida sejam quais forem os meios empregados sem prévia autorização dos editores.

Diretoria – CONPEDI
Presidente - Prof. Dr. Orides Mezzaroba - UFSC – Santa Catarina
Vice-presidente Centro-Oeste - Prof. Dr. José Querino Tavares Neto - UFG – Goiás
Vice-presidente Sudeste - Prof. Dr. César Augusto de Castro Fiuza - UFMG/PUCMG – Minas Gerais
Vice-presidente Nordeste - Prof. Dr. Lucas Gonçalves da Silva - UFS – Sergipe
Vice-presidente Norte - Prof. Dr. Jean Carlos Dias - Cesupa – Pará
Vice-presidente Sul - Prof. Dr. Leonel Severo Rocha - Unisinos – Rio Grande do Sul
Secretário Executivo - Profa. Dra. Samyra Haydêe Dal Farra Naspolini - Unimar/Uninove – São Paulo

Representante Discente – FEPODI
Yuri Nathan da Costa Lannes - Mackenzie – São Paulo

Conselho Fiscal:
Prof. Dr. João Marcelo de Lima Assafim - UCAM – Rio de Janeiro Prof. Dr.
Aires José Rover - UFSC – Santa Catarina
Prof. Dr. Edinilson Donisete Machado - UNIVEM/UENP – São Paulo
Prof. Dr. Marcus Firmino Santiago da Silva - UDF – Distrito Federal (suplente)
Prof. Dr. Ilton Garcia da Costa - UENP – São Paulo (suplente)

Secretarias:
Relações Institucionais
Prof. Dr. Horácio Wanderlei Rodrigues - IMED – Santa Catarina
Prof. Dr. Valter Moura do Carmo - UNIMAR – Ceará
Prof. Dr. José Barroso Filho - UPIS/ENAJUM– Distrito Federal
Relações Internacionais para o Continente Americano
Prof. Dr. Fernando Antônio de Carvalho Dantas - UFG – Goías
Prof. Dr. Heron José de Santana Gordilho - UFBA – Bahia
Prof. Dr. Paulo Roberto Barbosa Ramos - UFMA – Maranhão
Relações Internacionais para os demais Continentes
Profa. Dra. Viviane Coêlho de Séllos Knoerr - Unicuritiba – Paraná
Prof. Dr. Rubens Beçak - USP – São Paulo
Profa. Dra. Maria Aurea Baroni Cecato - Unipê/UFPB – Paraíba

Eventos:
Prof. Dr. Jerônimo Siqueira Tybusch (UFSM – Rio Grande do Sul) Prof. Dr.
José Filomeno de Moraes Filho (Unifor – Ceará)
Prof. Dr. Antônio Carlos Diniz Murta (Fumec – Minas Gerais)

Comunicação:
Prof. Dr. Matheus Felipe de Castro (UNOESC – Santa Catarina
Prof. Dr. Liton Lanes Pilau Sobrinho (UPF/Univali – Rio Grande do Sul Prof. Dr. Caio
Augusto Souza Lara (ESDHC – Minas Gerais

Membro Nato – Presidência anterior Prof. Dr. Raymundo Juliano Feitosa - UNICAP – Pernambuco

D597

Direito, arte e literatura [Recurso eletrônico on-line] organização CONPEDI/ UFG / PPGDP

Coordenadores: Rosália Maria Carvalho Mourão

Marcelo Campos Galuppo

Pedro Sergio Dos Santos – Florianópolis: CONPEDI, 2019.

Inclui bibliografia

ISBN: 978-85-5505-799-1

Modo de acesso: www.conpedi.org.br em publicações

Tema: Constitucionalismo Crítico, Políticas Públicas e Desenvolvimento Inclusivo

1. Direito – Estudo e ensino (Pós-graduação) – Encontros Nacionais. 2. Assistência. 3. Isonomia. XXVIII Encontro Nacional do CONPEDI (28 : 2019 : Goiânia, Brasil).

CDU: 34



Conselho Nacional de Pesquisa
Univeridade Ferderal de Goiás e Programa
ePós-Graduação em Direito Florianópolis

Santa Catarina – Brasil
www.conpedi.org.br





de Pós Graduação em Direito e Políticas Públicas
Goiânia - Goiás
https://www.ufg.br/

XXVIII ENCONTRO NACIONAL DO CONPEDI GOIÂNIA – GO

DIREITO, ARTE E LITERATURA

Apresentação

Poucos Grupos de Trabalho do CONPEDI têm tido uma produção tão regular, tanto em quantidade quanto em qualidade, como o GT Direito, Arte e Literatura. A partir das conexões entre Direito, Literatura, Cinema e outras formas de expressão artística, os trabalhos apresentados têm evidenciado como o recurso às artes podem contribuir para compreendermos melhor o Direito, tanto internamente (no modo como ele é operado) quanto externamente (em sua relação com o problema da Justiça).

Nesta edição não é diferente. Perpassando os trabalhos nela apresentados, podemos identificar a preocupação com a discussão sobre a dialética entre os fins que o Direito se propõe e os mecanismos de efetivação dos direitos que se apresentam na sociedade, entre a representação que se faz da realidade e a própria realidade, entre os sonhos de uma sociedade mais justa e solidária e as condições matérias da vida. Nessa dialética, às vezes a norma jurídica toma a dianteira, agindo sobre a realidade social; em outras ocasiões, é a realidade social que altera profundamente o nosso entendimento sobre o alcance e o significado da norma jurídica. Sempre, no entanto, produz-se uma realidade distinta daquela de que se partia, mas que contempla e contém os pontos de partida, ainda que em uma tensão constante.

Alguns dos trabalhos apresentados privilegiaram o cinema como mecanismo de denúncia, mas também como mecanismo de propaganda dos valores dominantes em uma sociedade. Esse é o caso dos trabalhos de Bruna Barbieri Wakim e Héctor Valverde Santana (Coisa mais linda: A transformação do Direito de Família à luz da transformação do Direito Das Mulheres), de Camila Martins de Oliveira e Ana Virginia Gabrich Fonseca Freire Ramos (Preciosa: As consequências jurídicas e extrajurídicas da invisibilidade social) e de Émilien Vilas Boas Reis e Ana Luíza Dionísio Mota Lacerda (Uma análise jusfilosófica do filme O Expresso do amanhã: A velha locomotiva continua com os mesmos hábitos). O primeiro trabalho, mostrando a necessidade de se ter voz para se ter vez, parte da análise do choque entre a representação da realidade e a própria realidade. O segundo trabalho explora como algumas normas não conseguem proteger os sujeitos que pretendiam amparar porque eles sequer se tornam visíveis como atores sociais. O terceiro trabalho explora como o Direito acaba estabelecendo fins incompatíveis em si mesmos, como pode ser o caso de certo desenvolvimento econômico e da preservação do meio ambiente.

Um segundo grupo de trabalhos parte de obras clássicas da literatura para analisar o descompasso entre a vida social e o próprio Direito. Esse é o caso do trabalho de Flávia Moreira Guimarães Pessoa e Glauber Dantas Rebouças (Da Utopia de More à utopia brasileira: O que será), que explora a oposição entre um Direito utópico e uma realidade distópica; do trabalho de Douglas Lemos Monteiro dos Santos e Maicon Wando da Silva Freitas (Uma leitura de Shakespeare à luz da teoria política moderna como ferramenta para o ensino do Direito: a noção de poder em Macbeth), que explora o uso do Direito como mecanismo legitimador ou desligitimador do poder político instituído; do trabalho de Mauro Augusto Ferreira da Fonseca e Tiago Moita Koury Alves (Os Sertões de Euclides da Cunha à luz do desenvolvimento como liberdade), que explora a impossibilidade de se desenvolver a liberdade (e a legitimidade) sem que haja, como fundamento, real igualdade de oportunidades; o trabalho de Gabriela Brito Ferreira e Vitor Hugo Duarte das Chagas (Livro 1984 de George Orwell, sob a ótica de Norberto Bobbio em Democracia e Segredo), que analisa o problema da visibilidade e publicidade como condição de legitimidade do poder político; e o trabalho de Arthur Ramos do Nascimento (Desconstrução dos indivíduos LGBTQ+ nos canais de massa: Riscos de Blacklash e a arte como instrumento de influência do discurso dos Direitos Humanos Fundamentais) em que se investiga como a cultura de massas transitou de uma concepção na qual a arte era um mecanismo de controle para uma concepção na qual ela passou a ser entendida como mecanismo de libertação.

Um terceiro grupo de trabalhos analisou algumas obras de Literatura para demonstrar o processo pelo qual se o Direito se produz em sua aplicação. Em A pornografia de vingança como violência de gênero a partir da obra 13 segundos de Bel Rodrigues, Rosália Maria Carvalho Mourão pressupõe a pergunta se é a arte que imita a vida ou a vida (e o Direito) que imita a arte; e Maurício Muriack de Fernandes e Peixoto (Direito e literatura: Capitu, Scrooge, o Juiz Hércules e a resistência da jurisprudência à efetivação do artigo 489 do Código de Processo Civil de 2015) se pergunta se o Direito pode, enfim, demonstrar algo mais do que o pressuposto pela própria norma jurídica, e assim se é o Direito que é limitado pelo mundo ou o mundo que é limitado pelo Direito.

Todas essas contribuições colaboram para uma compreensão mais ampla e mais verdadeira do Direito que temos, e a sonhar com o melhor Direito que podemos quer para transformar nossa sociedade.

Goiânia, 20 de junho de2019.

Prof. Marcelo Campos Galuppo (PUC Minas/UFMG)

Prof. Rosália Maria Carvalho Mourão (Centro Universitário Santo Agostinho - UNIFSA – Pi)

Prof. Pedro Sérgio dos Santos (UFG)

Nota Técnica: Os artigos que não constam nestes Anais foram selecionados para publicação na Plataforma Index Law Journals, conforme previsto no artigo 8.1 do edital do evento. Equipe Editorial Index Law Journal - publicacao@conpedi.org.br.

LIVRO 1984, DE GEORGE ORWELL, SOB A ÓTICA DE NORBERTO BOBBIO EM DEMOCRACIA E SEGREDO

GEORGE ORWELL'S 1984 FROM THE OPTICAL BY NORBERTO BOBBIO'S BOOK DEMOCRACY AND SECRET

Gabriela Brito Ferreira [1]
Vitor Hugo Duarte das Chagas [2]

Resumo

O presente trabalho teve o objetivo de analisar a obra literária 1984 do autor George Orwell, com base, nas perspectivas e encimamos apresentados no livro Democracia e segredo de Norberto Bobbio. Utilizando de uma abordagem de pesquisa bibliográfica qualitativa sobre estes livros. Com isso, responde-se em que medida, o livro 1984 pode demonstrar conceitos estipulados na obra de Norberto Bobbio, como, segredo, soberano e democracia. Faz-se uma união da definição de democracia, segredo e Estado Despótico em Bobbio, com a descrição de uma distopia despótica e autocrática no romance de Orwell.

Palavras-chave: Democracia, Poder, Soberano, 1984, Segredo

Abstract/Resumen/Résumé

This work aims to analyze the literary work "1984", from George Orwell, joining the perspectives presented in the book "Democracy and Secret" by Norberto Bobbio. A qualitative bibliographical approach is used on these books. Thus, the work shows how the novel 1984 demonstrates concepts shown in Norberto Bobbio's work , concepts like, secret, sovereign and democracy. It is made a relation in the definition of democracy, secrecy, and Despotic State in Bobbio, with the description of a despotic and autocratic dystopia in Orwell's novel.

Keywords/Palabras-claves/Mots-clés: Democracy, Power, Sovereign, 1984, Secret

[1] Graduada em Direito (CESUPA). Membro dos grupos de pesquisa (CNPQ): Democracia, Poder Judiciário e Direitos Humanos; Mestranda em Direito (CESUPA)

[2] Graduado em Direito pelo Centro Universitário do Estado do Pará (2015). Especialista em Direito Ambiental (2019). Mestrando pelo CESUPA (2019)

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho teve como objetivo analisar a obra literária 1984 do autor George Orwell das perspectivas e ensinamentos apresentados no livro "Democracia e Segredo" de Norberto Bobbio.

Dessa forma, estabelecendo laços de conteúdo e demonstração com exemplos ofertados pela grandiosa obra de George Orwell, parte-se a solucionar a problemática demonstrando em que medida pode se perceber conceitos como soberano, democracia, poder invisível e segredo.

Utilizando o Livro de Norberto Bobbio como base para analisar pontos referentes a conceitos que são encontrados no livro 1984, portanto, a partir da estrutura montada no presente artigo, partiremos do que foi abordado por Bobbio (2015) e sendo exemplificado com passagens emblemáticas do romance de George Orwell.

1984 é uma obra onde seu autor designa a falar sobre o futuro da humanidade, demonstrando agora criaturas sem almas ceifadas da ideia de ética e moralidade, sendo guiadas por um único Partido e um culto a uma personalidade, no caso, o Grande Irmão. Nesse livro está escrito o famoso slogan de "quem controla o passado, controla o presente, e quem controla o presente, controla o futuro".

O livro retrata uma distopia no século XX. Um século em que já não se dedicava a pensar em um modelo ou sociedade ideal. É sob o contexto de desilusão que se escreve a distopia de 1984, contemporânea de distopias também desiludidas com a crise da modernidade. Entre elas estão “Nós” de Iêvgueni Zamiátin, "Admirável Mundo Novo" de Aldous Huxley e "Fahrenheit 451", de Ray Bradbury. O desencantamento do mundo provocou um alerta para o que o mundo poderia se tornar.

Reduzido comumente a uma crítica ao Socialismo, 1984 é uma obra bem mais ampla, escrita por um autodeclarado socialista-democrático, refletindo também sobre a perda de valores democráticos e a consequente possibilidade de perda da liberdade.

Nesse governo despótico, onde todas as ações individuais, pertencentes a sociedade, são controladas pelo Partido, em que a Linguagem representa a perspectiva do saber e onde fatos históricos são manipulados, pensar é um crime inadmitido pelo Partido governante.

Foi escrita por George Orwell, pseudônimo de Eric Arthur Blair, escritor e ensaísta político, sendo publicado em 8 de junho de 1949, continua a ser extremamente atual e coerente.

Este trabalho não possui como objetivo reduzir a autonomia e o entendimento sobre a imensidão da obra que é 1984, mas sim interpretar os seus avisos sobre a perda da liberdade e

a destruição da democracia, fazendo ligação com os conceitos de defesa de uma democracia clara e publicizada de Norberto Bobbio em sua obra “Democracia e Segredo”.

Nessa obra, Norberto Bobbio define o poder tanto de um governo autocrático, quanto de um governo democrático, fazendo alusões aos poderes ocultos do soberano, bem como ao poder visível presente nos governos democráticos. Levando a crer que quem se utiliza um poder invisível na verdade são governos falsamente democráticos.

Livro originado de uma conferência realizada em 1988 em Sessari, na Itália, tendo como autor o Filósofo do Direito e Cientista Político. Vale ressaltar que Bobbio formou-se tanto em Direito quanto em filosofia, sendo professor nessas áreas e em ciência política, publicou, outras obras consagradas, como "Teoria da Norma Jurídica", "Teoria do Ordenamento Jurídico", "Positivismo Jurídico" no campo do Direito, e “Direita e Esquerda: razões e significados de uma distinção política” no campo da Ciência Política.

Por fim, o método baseia-se em pesquisa bibliográfica de abordagem qualitativa sobre os livros 1984 de autoria de George Orwell e o livro “Democracia e Segredo” de Norberto Bobbio. Está dividido em tópicos para sistematizar e elucidar melhor os pontos em comum nas duas obras.

2 DEMOCRACIA E O PODER VÍSIVEL

O conceito-chave para Norberto Bobbio (2015), e que vai guiar todo o seu entendimento é o de que somente pode ser considerado um governo democrático aquele que for o governo do poder visível. Isso quer dizer que, os atos deste governo devem ser publicizados e devem estar sob controle da opinião pública.

Para o autor, por ser um governo visível, publicizado e exposto, seria uma contraposição direta a qualquer forma de autoritarismo, isto é, a formas de governo em que se esquivariam de dar satisfação ao povo governado, de ser exercido aos olhos dos súditos.

Os exemplos que Bobbio dá são de senhores de escravos e monarcas do direito divino que não têm obrigação alguma de revelar aos seus submissos o segredo de suas decisões.

> Semelhante declaração, por si mesma, tornaria impossível ação declarada, pois desencadearia a imediata reação do público e muito provavelmente das autoridades responsáveis pela tutela do interesse público. Prova disso é que a apropriação de dinheiro público por parte de um político suscita escândalo. E em que consiste o escândalo se não em tornar um ato público porque, uma vez tornado público, não poderia ter sido realizado, e portanto, tinha no segredo a condição necessária para sua efetivação (BOBBIO, 2015, p. 31)

O autor dá um exemplo do cotidiano italiano em que um político seria preso por um escândalo de corrupção. Ele usa a repercussão social para justificar seu argumento, de modo que só é possível a reação que normalmente se vê em casos assim graças à democracia. Somente poderia existir revolta em um governo democrático, que por ser transparente, permite que os atos públicos mais vergonhosos sejam postos em face da população.

É querendo corresponder a esse ideário que o Brasil se define como um Estado Democrático de Direito, e define, portanto, a publicidade como um dos princípios da Administração pública no artigo 37 da Constituição Federal.

Logo, é característica de regimes despóticos e autoritários acobertar e manter em segredo todas as ações que possam comprometer sua reputação. É um ônus da democracia deixar evidente as suas próprias falhas. O Autor conclui seu primeiro capítulo afirmando que a opacidade do poder é a negação da democracia.

É no sentido de alertar sobre os perigos da emancipação de um poder invisível que George Orwell escreve sua obra-prima, 1984, em que após uma catástrofe nuclear, a humanidade estaria submissa à ascensão de regimes despóticos, que se utilizariam da defesa liberdade para aniquilar a sua própria liberdade.

> Em um regime democrático é absolutamente inadmissível a existência de um poder invisível que atue paralelamente ao poder do Estado, ao mesmo tempo dentro e contra, que sob certos aspectos é concorrente e sob outros é conivente, que emprega o segredo não para abater o Estado, mas tampouco para servi-lo, que se vale dele principalmente para evitar e até violar impunemente a lei, assim como para obter favores extraordinários ou ilícitos. É um poder que praticar atos politicamente relevantes sem ter qualquer responsabilidade política sobre eles, mas ao contrário, procurando escapar por meio do segredo até mesmo das mais normais responsabilidades civis, penais e administrativas (BOBBIO, 2015, p.38)

Uma democracia jamais pode admitir que se viole a lei obscuramente, é com esse intuito que em um regime democrático existem as leis, inclusive, leis são garantias de que não haja abuso estatal. Em uma democracia, estão previstos atos a serem considerados ilegais e que possuem como consequência a sua exposição.

Orwell (2016) leva à quintessência um futuro imaginado em que não se considera a responsabilidade dos agentes estatais, mais ainda, não existe responsabilidade alguma. Não existem leis certas e claras em que um cidadão possa se respaldar para se defender. É definido como pensamento-crime aquilo que o Partido tenha decidido e entendido que assim o seja.

> O partido dizia que a Oceânia jamais for a aliada da Eurásia. Ele, Winston Smith, sabia que a Oceânia for a aliada da Eurásia não mais de quatro anos antes. Mas em que local existia esse conhecimento? Apenas em sua própria consciência que, de todo modo, em breve seria aniquilada. E se todos os outros

> aceitassem a mentira imposta pelo Partido- se todos os registros contassem a mesma história, a mentira tornava-se história e a história tornava-se verdade (ORWELL, 2016, p.47).

A única responsabilidade do partido é consigo mesmo. Na verdade, não há segredos para o Partido, pois o Ministério da Verdade é o responsável por definir o que é a verdade. Winston chega a refletir, ato perigoso por si só, sobre como o Partido comanda todas as verdades e os fatos, o que para ele, seria pior do que torturas, pior do que a morte.

O Partido não teria nenhum compromisso com a Verdade em um Ministério da Verdade. O Intuito é repetir a mentira ao ponto de ela se tornar a verdade. Não há método rigoroso, apenas o rigor da força.

O Partido deixa tudo muito mais claro em seu lema: "Quem controla o passado, controla o futuro; quem controla o presente controla o passado" (ORWELL, 2016, p. 47)

Retornando a Bobbio (2015), não há como se pensar em uma democracia sem a participação da opinião pública, deve existir um público que pretenda possuir o direito de ser informado das decisões que são tomadas em nome desse interesse coletivo, para assim desenvolver suas capacidades de reflexão e crítica. Não há opinião pública na Oceânia, não há livre imprensa ou crítica livre.

A democracia e as Constituições possuem em si a ideia de controle dos poderes, para evitar o despotismo e o autoritarismo.

O autor italiano prossegue, afirmando que ao aniquilar a opinião pública, esse poder oculto destrói pilares em que se apoiam os governos democráticos. Para ele, quem promove as formas de poder oculto, quem a elas adere, deseja precisamente excluir suas ações do controle democrático, assim não se submeter aos vínculos que toda constituição democrática impõe a quem detém o poder de vincular todos os cidadãos. No fim, controlaria o Estado sem por ele ser controlado. Em um Estado democrático, o soberano age à luz do sol, é visto sem poder ver. No Estado despótico, o soberano vê sem ser visto, "O Grande Irmão está de olho em você" (ORWELL, 2016 p.12).

O objetivo do Partido é não ter nenhuma necessidade visibilidade, sequer dar a ideia de um controle democrático. O carrasco do protagonista Winston Smith no romance deixa clara a pretensão do Partido:

> O Partido deseja poder exclusivamente em benefício próprio. Não estamos interessados no bem dos outros; só nos interessa o poder em si. Nem riqueza, nem luxo, nem vida longa, nem felicidade: só o poder pelo poder, poder puro. O que significa poder puro? Você vai aprender daqui a pouco. Somos diferentes de todas as oligarquias do passado porque sabemos muito bem o que estamos fazendo. Todos os outros, inclusive os que se pareciam conosco,

> eram covardes e hipócritas. Os nazistas alemães e os comunistas russos chegaram perto de nós em matéria de métodos, mas nunca tiveram a coragem de reconhecer as próprias motivações. Diziam, e talvez, até acreditassem, que tinham tomado o poder contra a vontade e por um tempo limitado. E que na primeira esquina da História surgiria um paraíso em que todos os seres humanos seriam livres e iguais. Nós não somos assim. Sabemos que ninguém toma o poder com o objetivo de abandoná-lo. Poder não é um meio, mas um fim. Não se estabelece uma ditadura para proteger uma revolução. Faz-se uma revolução para instalar a ditadura. O Objetivo da perseguição é a perseguição; O Objetivo da tortura é a tortura, O objetivo do Poder é o Poder. Agora você está começando a me entender? (ORWELL, 2016, p. 312).

Nesse ponto, o carrasco de Winston admite a definição de autocracia e como a distopia da Oceânia, que conclamava o socialismo inglês, Socing em Novafala, que de fato era uma luta por manutenção do poder. Aqui Orwell deixa claro que sua crítica é ao Regime de Stálin e ao Nazismo alemão, pois os toma como referência de similaridade com as práticas do Partido. O Partido seria o ápice do que regimes populistas seriam capazes de criar em momentos de crise e de acabar com qualquer noção de liberdade pessoal. Demonstra o que poderiam acabar se tornando. A Oceânia, a Eurásia e a Lestásia seriam o ápice de uma autocracia, o poder que gira em torno de si mesmo, o poder pelo poder.

> A principal razão da publicidade está em uma máxima da experiência dificilmente refutável, que também vale para a nossa vida cotidiana: "Nem tudo o que fazes em privado, quando ninguém te vê.
>
> A esfera privada é a esfera de nossos pecados inconfessáveis (ou confessáveis somente no segredo do confessionário. A esfera pública é aquela em que reluzem ou são hipocritamente ostentadas as nossas pobres virtudes. Protegido pelo segredo, qualquer um pratica atos que não repetiria à luz do sol. (BOBBIO, 2015, p.82)

Bobbio (2015) busca nessa parte explicitar a importância da esfera privada em qualquer país que se julgue minimamente democrático. As democracias devem respeitar as individualidades, e para assim reconhecê-las como o âmbito onde se é livre para se exercer livremente a sua personalidade. A Constituição brasileira age nessa pretensão democrática ao declarar que o domicílio constitui asilo inviolável em seu artigo 5º, inciso XI, buscando respeitar o conforto e a segurança da privacidade.

O Partido conhece a ideia da liberdade na esfera privada e seu caráter plenamente democrático, por isso a vê como perigosa e a torna o oposto de seu objetivo. Em verdade, para o partido há democracia, ao ter controle absoluto das ações e pensamentos de seus membros pelas teletelas, não existe individualidade, não existe esfera de privado na distopia orwelliana, em que comumente tem-se a concepção de ser o lugar onde se permite que livremente se desenvolva a personalidade. O público é oculto e a esfera privada, revelada.

A única visibilidade que permitida é a do Grande Irmão, são seus discursos, são os cinco minutos de ódio ao discurso com democrático de Goldstein. A publicidade permitida é para o culto à personalidade, somente para que se possa dedicar ao amor pelo Grande Irmão.

3 A LINGUAGEM E O SEGREDO

Em 1984 resta claro que a linguagem é usada como forma de mantimento do segredo, de se guardar o pensamento. Norberto Bobbio não fica para trás e também desenvolve uma leitura sobre a linguagem e o segredo democrático.

Concebendo-se a democracia como o governo da transparência em Norberto Bobbio (2015), não há o que se defender de transparência na ascensão do Partido como governante da Oceânia. O partido bem o sabe, e busca inclusive anular a ideia de democracia em sua linguagem própria: a Novafala.

O Romance 1984 dedica o seu apêndice a explicar a maneira pela qual a Duplipensamento funcionaria e o efeito que ele causaria na democracia:

> Saber e não saber, estar consciente de mostrar-se cem por cento confiável ao contar mentiras construídas laboriosamente, defender ao mesmo tempo duas opiniões que anulam uma à outra, sabendo que são contraditórias e acreditando nas duas; recorrer à lógica para questionar a lógica, repudiar a moralidade dizendo-se um moralista, acreditar que a democracia era impossível e que o Partido era o guardião da democracia; esquecer tudo o que fosse preciso esquecer, depois reinstalar o esquecido na memória no momento em que ele se mostrasse necessário, depois, esquecer tudo de novo sem o menor problema: e , acima de tudo, aplicar o mesmo processo ao processo em si. Esta a última sutileza: induzir conscientemente a inconsciência e depois, mais uma vez, tornar-se inconsciente do ato de hipnose realizado pouco antes. Inclusive, entender que o mundo em "duplipensamento" envolvia o uso de Duplipensamento. (ORWELL, 2016, p. 48).

Logo, o duplipensamento é essa forma de controlar o segredo, pois ele controla a realidade. Põe-se em evidência dois conceitos opostos, que juntos negam um ao outro a passam a se justificar. Significa a capacidade de abrigar na cabeça os conceitos contraditórios e acreditar em ambos. Orwell (2016) usa como exemplo no romance o fato de o Partido rejeitar e aviltar cada um dos princípios originalmente defendidos pelo movimento socialista e ao mesmo tempo fazê-lo em nome do socialismo.

A Liberdade é uma ideia bem oposta do que qualquer escravo possa ter na vida, contudo, momentos de pacificidade não são a primeira imagem criada ao imaginar-se um ambiente de guerra; e, ora, nenhuma pessoa ignorante é aquela que é concebida como forte ou um grande exemplo. Mas o slogan do Partido, exposto em cartazes e placas era que: "Guerra é Paz,

Liberdade é Escravidão e Ignorância é Força" (ORWELL, 2016, p. 14). Logo, esses conceitos seriam anulados e um passaria a justificar outro, aceitar-se-ia a manutenção de guerra com a justificativa de ser ela a causadora da paz, o partido suprime a Liberdade com a ideia de assim ser seguro, Ele não permite a escravidão ao eliminar a Liberdade, e o conceito importante para a manutenção do segredo, o governo e a população são fortes porque são ignorantes, não procuram conhecimento nem sequer procuram questionar. Manter-se sem questionamentos é a força da Oceânia.

O Duplipensamento está no nome dos órgãos governamentais do Partido, como Orwell (2016) deixa claro no romance. O Ministério da Verdade é o responsável por defender o segredo através de mentiras, O Ministério da Verdade Cuida de Assuntos de Guerra, o Ministério do Amor cuida das torturas e o Ministério da Pujança da Escassez de alimentos. São contradições fundamentais para se aceitar o que o Partido pratica.

É o Duplipensamento que permite que o confronto entre memória e passado não possa ser questionado pela população, como forma de controle mental. Segundo o romance de Orwell (2016) é o Duplipensamento que permite que as pessoas vejam mentiras deliberadas e ao mesmo tempo acreditem nelas. Usar o termo Duplipensamento é uma forma de Duplipensamento, pois admite-se controlar a realidade, mas ao mesmo tempo apaga-se esse conhecimento e a vida continua.

De acordo com o Romance, é isso que diferencia a Oceânia dos governos despóticos ao longo da História. Pois esses governos não atingiram o âmago e se permitiram ser questionados. O Duplipensamento inibe o questionamento e permite que se guarde o segredo do governo. Não se pode questionar o governo se ele é o portador da verdade. Não há como o governo do invisível existir no Partido, a mentira sempre tem um passo adiante da verdade.

Aliado a esse entendimento há a prática do pensamento negribranco, que significa a conveniência da verdade ao Partido. Um adversário é negribranco porque afirma que o negro é branco, enquanto que para os membros do Partido, significa acreditar que o Negro é branco, mais do que isso, saber que o negro sempre foi branco, se o Partido assim o desejar. É uma forma de qualificar o adversário sempre como errado, e o Partido sempre como correto. Se o Partido decidir que 2+2=5 não haverá ninguém a questionar, não haverá segredo por ser revelado.

Ao estarem associados com Emmanuel Goldstein, em um momento voltado para o ódio a valores democráticos como liberdade de expressão, liberdade de imprensa, liberdade de reunião e liberdade de pensamento, não foram ocultados, mas associados ao inimigo. Uma forma de agir do Duplipensamento para assim permanecer como o governo do invisível.

O Duplipensamento não é uma exclusividade da distopia orwelliana, Norberto Bobbio o apresenta em sua obra: “ Pode ocorrer que uma instituição criada para prevenir ou obstaculizar um improvável golpe de Estado Comunista tenha feito de fato correr o risco de enfrentar um golpe de Estado de Direita“. (Bobbio, 2015, p. 83).

Bobbio parece transcrever o Duplipensamento orwelliano, que e a forma que o partido encontrou para gerar controle absoluto do seu povo. Mostrando assim que o Duplipensamento está longe de ser um perigo democrático fictício, presente na distopia orwelliana. Pelo contrário, é um discurso usado comumente na realidade política. O que demonstra o caráter de denúncia da obra de Orwell.

O segredo precisaria ser criado e aceito pelo povo, que nem se atreveria a pensar diferentemente, evitariam o “pensamento-crime”.

No Apêndice de 1984, George Orwell (2016) se dedica a explicitar o idioma criado pelo partido, a Novafala, e de que forma ele serviria a fortificar esse governo do invisível.

A Novafala possuía como objetivo diminuir o vocabulário no Socialismo Inglês, traduzido à Novafala como “Socing”. Não era para ser simplesmente uma expressão compatível com o modo de vida do socing, tinha o objetivo de inviabilizar outras formas de pensamento. A ideia era que, uma vez definitivamente adotada a Novafala e assim esquecida a Velhafala, os pensamentos hereges ao despotismo seriam aniquiliados, tomando como premissa que pensamentos dependeriam de palavras para serem formulados.

Orwell (2016) prossegue no apêndice afirmando que o Vocabulário foi pensado de modo e mostrar a expressão exata, que um membro do parido pudesse seguir. A intenção seria deixar as palavras com um significado único, dificultando a abstração e dificultando qualquer interpretação errada. Desse modo, eliminar-se-iam significados heréticos e qualquer significado remanescente que porventura os vocábulos remanescentes pudessem ter.

O livro de Orwell (2016) usa como exemplo a palavra “livre”, que continuaria a existir em novafala, mas somente com o significado de “o Caminho está livre”, ou “O Toalete está livre”. Segundo o autor, expressões como “politicamente livre” ou “ intelectualmente livre” deixariam de existir pois liberdades políticas e intelectuais sequer existiriam como conceitos, sendo impossíveis de serem nomeadas.

O objetivo é de eliminar sinônimos e antônimos e graus de intensidade. Algo ruim poderia ser expresso simplesmente como desbom, algo excelente poderia ser um maisbom, seguindo-se somente a adição de prefixos e sufixos. Eis o verdadeiro sentido de abreviações em Novafala:

> O emprego de palavras e frases telescópicas tornou-se um traço característico da linguagem política já nas primeiras décadas do século XX. E a tendência de usar abreviações como essas era particularmente pronunciada **em países e organizações de caráter totalitário**. Alguns exemplos são os termos nazi, Gestapo, Comintern, Imprecorr, agitprop. No início, era uma prática quase espontânea, porém em Novafala ela possuía um propósito consciente. Observou-se que tais abreviações estreitavam e modificavam sutilmente o sentido das apalavras originais, eliminando a maior parte das associações que de outra forma se manteriam vinculadas a elas. As palavras Internacional Comunista, por exemplo, evocavam uma imagem em que se misturavam a fraternidade universal, as bandeiras vermelhas, as barricadas, a figura de Karl Marx e a Comuna de Paris. O termo Comintern, por sua vez, transmite apenas a ideia de uma organização reunida e fechada, dotada de um corpo doutrinário bem definido. Refere-se a algo tão facilmente reconhecível e de finalidade quase tão limitada quanto uma cadeira ou uma mesa. Se Comintern é uma palavra que uma pessoa pode comunicar de forma quase automática, a expressão Internacional Comunista exige um mínimo de reflexão. Da mesma forma, as associações suscitadas por uma palavra como Miniver são menos numerosas e mais controláveis do que as suscitadas por Ministério da Verdade. Era isso que estava por trás não somente do costume de abreviar as palavras sempre que possível como também do zelo de dar a elas uma pronúncia fácil. (ORWELL, 2015 p. 356, grifo nosso).

O segredo se intensifica através da Linguagem. Nomes Longos como Internacional Comunista, podem suscitar abstrações maiores, como questionar o seguimento de princípios internacionais, ou questionar o uso do comunismo, remontar o pensamento ao Materialismo Histórico e Dialético de Karl Marx (1818-1883). O termo comintern, ao contrário, tem um significado único, não há abstração, ele só significa uma coisa, e remonta a um único significado, perfeito para não revelar-se o Segredo.

Por isso que para Orwell (2016), seguir a Novafala seria tão importante existirem abreviações como departamento de registros, onde o protagonista Winston Smith trabalhava, era conhecido como Dereg; o Departamento de Ficção recebia o encurtamento de Defic; e o Departamento de teleprogramas, como Detel. Melhor ainda seria se conceitos como Ministério da Verdade, Ministério do Amor, Ministério da Pujança e Ministério da Paz fossem reduzidos a Miniver, Minamor, Minipuja e Minipaz, respectivamente (ORWELL, 2016, p.15). Pois o Significado original ainda guardaria o Duplipensamento por si só.

Portanto, é clara a intenção de que o Partido no Poder permaneça como o governo do invisível alertado por Bobbio, e a manutenção da invisibilidade se dá por vias muito mais sofisticadas que a simples imposição da força. O Segredo é mantido e escondido pela linguagem.

4 O SEGREDO

Segundo Bobbio (2015), o poder em um estado despótico pode ser visualizado através dos segredos dos seus soberanos, onde, o soberano vê sem ser visto. Um estado democrático deve utilizar da verdade e dá transparência para funcionar. Contudo, quando um Estado se corrompe acaba por criar inúmeros segredos e as pessoas na sociedade não sabem nem a quem estão servindo.

Nesse sentido, tem-se a passagem do livro 1984:

> A teletela recebia e transmitia simultaneamente. Todo som produzido por Winston que ultrapassasse o nível de um sussurro muito discreto seria captado por ela; mais: enquanto Winston permanecesse no campo de visão enquadrado pela placa de metal, além de ouvido também poderia ser visto. Claro, não havia como saber se você estava sendo observado num momento específico. Tentar adivinhar o sistema utilizado pela Polícia das Ideias para conectar-se a cada aparelho individual ou a frequência com que o fazia não passava de especulação. Era possível inclusive que ela controlasse todo mundo o tempo todo. Fosse como fosse, uma coisa era certa: tinha meios de conectar-se a seu aparelho sempre que quisesse. Você era obrigado a viver – e vivia, em decorrência do hábito transformado em instinto – acreditando que todo som que fizesse seria ouvido e, se a escuridão não fosse completa, todo movimento examinado meticulosamente (ORWELL, 2016, p. 13).

No livro as pessoas são constantemente vigiadas, sejam pelas teletelas, como em seus serviços, ou em suas moradias, pelas suas próprias famílias, seus filhos, e de nada sabem, em se sequer vem existir um comandante (BOBBIO, 2015).

O segredo foi utilizado para governar. O período em que se passou tal atitudes fora chamado de razão do Estado. Sendo assim, as formas, as circunstâncias e às suas próprias razões do segredo acabavam por delimitar as ínfimas razões do Estado. (Bobbio, 2015, p.43). É no segredo que encontra-se o puro poder (Canetti, 2014).

Canetti (2014) em seu livro descreve o uso do segredo. Quem utiliza-se do segredo o faz, pois tem o total controle, ou seja, o conhecimento de seu significado, com isso ele possui total autoridade e utiliza como uma ferramenta.

Isso pode ser visto na obra de 1984:

> O Partido dizia que a Oceânia jamais fora aliada da Eurásia. Ele, Winston Smith, sabia que a Oceânia fora aliada da Eurásia não mais de quatro anos antes. Mas em que local existia esse conhecimento? Apenas em sua própria consciência que, de todo modo, em breve seria aniquilada. E se todos os outros aceitassem a mentira imposta pelo Partido — se todos os registros contassem a mesma história —, a mentira tornava-se história e virava verdade (ORWELL, 2016, p. 47).

Nessa corrente quem possui um segredo possui inúmeros outros, onde um fundamenta o outro, todos sendo costurados para apoiar seu controle pelo povo. Um segredo acaba

guardando um outro, tende a confidenciar com diversos os seus segredos, mas nunca os mesmos, portanto, cuida para que eles nunca se unam (Canetti, 2014).

Nesse sistema de segredos, o soberano faz com que os seus súditos controlem uns aos outros, mas apenas que detém o segredo sabe de todo o mecanismo, disto Bobbio diz: “O poder autocrático se apoia, mais que sobre sua capacidade de espiar os súditos, também sobre a ajuda que recebe dos súditos aterrorizados, que se espiam entre si”. (BOBBIO, 2015, p.45).

Dessa forma, na obra 1984, podemos visualizar que as pessoas não são apenas controladas pelo partido, mais os próprios indivíduos na sociedade acabam por controlar uns aos outros, sempre desconfiando. Assim como o Grande irmão que controlava as informações para sempre estarem em seu favor, bem como para que ele nunca errasse alguma previsão, fose assim um ser infalível.

> Com crianças daquele tipo, pensou Winston, aquela infeliz mulher deve levar uma vida de terror. Mais um ou dois anos e eles começariam a vigiá-la noite e dia em busca do menor sintoma de inortodoxia. Quase todas as crianças eram horríveis atualmente. O pior de tudo era que, por meio de organizações como a dos Espiões, elas eram transformadas em selvagens incontroláveis de maneira sistemática — e nem assim mostravam a menor inclinação para rebelar-se contra a disciplina do Partido. Pelo contrário, adoravam o Partido e tudo que se relacionasse a ele. As canções, os desfiles, as bandeiras, as marchas, os exercícios com rifles de brinquedo, as palavras de ordem, o culto ao Grande Irmão —tudo isso, para elas, era uma espécie de jogo sensacional. Toda a sua ferocidade era voltada para fora, dirigida contra os inimigos do Estado, contra os estrangeiros, os traidores, os sabotadores, os criminosos do pensamento. Chegava a ser natural que as pessoas com mais de trinta anos temessem os próprios filhos. (ORWELL, 2016, p. 36).

Com isso, o soberano e o partido poderiam controlar completamente, tendo ainda menos esforço, utilizando dos seus próprios súditos, que foram treinados para agradar o soberano, espiando uns aos outros e se denunciando.

Portanto, o soberano possui a percepção completa do segredo e ao utilizá-lo não deixa que outro tenha sua percepção total, mas ao contrário, utiliza-se desse fato para manipular as atitudes daqueles que o cercam.

Em alguns momentos na obra de George Orwell (2016) podemos verificar a utilização dessa corrente de segredos.

Quem se utiliza do Segredo deve estar fazendo algo imoral, uma vez que, segundo Bobbio, os atos do governo devem ser expostos, sempre sendo colocados em foco. Se o soberano passa a escondê-los ou camuflá-los, esse ato é por si só uma prova de que ele está realizando algo imoral ou errado.

O Segredo é inato ao exercício do poder, sendo assim sempre foi utilizado pelos soberanos que tendem a querer governar, e nesse ponto se diferencia para Bobbio (2015) da democracia, em um simples ponto, no jogo de quem controla o que está controlando. Em uma democracia, dir-se-ia que quem faz esse controle é o próprio povo.

Contudo, Bobbio (2015) aponta dois pontos para se esperar coisas diferentes de um soberano. O primeiro está relacionado se todos soubessem do segredo, o soberano acabaria por revelar seus próximos movimentos. E em segundo lugar há uma desconfiança por parte deste soberano de que os seus súditos entenderam toda a sua complexidade de pensamento. É dessa forma, percebido o porquê do soberano de 1984 esconder de seus súditos, ao tal ponto de eles se esquecerem da razão de seguirem este regime.

> Mas depois de lê-lo entendeu mais claramente do que antes que não estava louco. O fato de ser uma minoria, mesmo uma minoria de um, não significava que você fosse louco. Havia verdade e havia inverdade, e se você se agarrasse à verdade, mesmo que o mundo inteiro o contradissesse, não estaria louco. (ORWELL, 2016, p. 255 e 256).

É nessa passagem que podemos verificar como essa confusão entre segredos e verdades, e mentiras manipuladas acabam por complicar a cabeça de um a pessoa do povo, uma vez que, eles podem até mesmo achar que a loucura pode atingi-los, suas vidas acabam sendo tão manipuladas que se torna difícil entender em que situação estão e acabam completamente perdidos.

Para Bobbio (2015), é certo que apenas um poder secreto pode vim a subjugar outro poder secreto, sendo assim, vemos sempre questões como confrontos e conspirações. Verdadeiros complôs são feitos contra os soberanos, pessoas em busca de revoluções e essas ameaçam o governo do soberano.

O poder autocrático não busca simplesmente estar preparado para lidar com esses complôs, impedindo que surjam, ao cultivar os seus próprios segredos, mas também sabendo reagir caso eles venham atacar em uma tentativa de usurpar o poder do soberano. Além disso, é necessário saber o momento certo de criar essas conspirações com o fim de trabalhar a seu favor.

> (...) quando julga necessário, sabe inventá-lo para poder assim se reforçar e justificar sua própria existência. O poder invisível torna-se um pretexto, uma ameaça intolerável que deve ser combatida, onde há um tirano, há um complô: se não há é criado. O conjurado é a contrafigura necessária do tirano (BOBBIO, 2015, p.49).

A ideia de ter uma contra-figura, de possuir alguém que quer de toda forma retirar o verdadeiro soberano do trono, é por muitas vezes usada pelo soberano para justificar justamente

a questão de ter por aquele rei está no trono, justificando a ideia de que o rei protege o seu povo, e dando um chama para que os súditos confiem nele.

Dentro dessa ideia é normal falar-se em um verdadeiro caça às bruxas, Bobbio (2015) entende que em muitas épocas os soberanos proporcionavam a caça aqueles que eles consideravam contrários ao governo.

Levando em consideração esse ponto, pode-se analisar no livro 1984 o seguinte:

> Como de costume, o rosto de Emmanuel Goldstein, o Inimigo do Povo, surgira na tela. Ouviram-se assobios em vários pontos da plateia. A mulher ruiva e franzina soltou um guincho em que medo e repugnância se fundiam. Goldstein era o renegado e apóstata que um dia, muito tempo antes (quanto tempo, exatamente, era coisa de que ninguém se lembrava), fora uma das figuras destacadas do Partido, quase tão importante quanto o próprio Grande Irmão, e que depois se entregara a atividades contrarrevolucionárias, fora condenado à morte e em seguida fugira misteriosamente e sumira do mapa. A programação de Dois Minutos de Ódio variava todos os dias, mas o principal personagem era sempre Goldstein. (ORWELL, 2016, p. 22).

Goldstein é o personagem do livro que serve de parâmetro para ser odiado pelos outros personagens, o inimigo do Grande Irmão e de tudo o que o Partido representa. Concentrando os pensamentos e esforços patriotas das pessoas daquela sociedade em um inimigo poderoso, o qual o Estado luta contra para trazer a proteção as pessoas envolvidas. A criação de um inimigo em comum.

5 SOBERANO X GRANDE IRMÃO

Segundo Schimitt (1996), soberano é aquele que decide sobre o estado de exceção, mas não em um caso normal, mas estando em um estado limite. As normas formais válidas para aquele momento não se encaixam, e perante um momento de emergência, o soberano pode vim a instaurar o Estado de exceção. Da mesma forma, Giorgio Agamben (2004) o soberano que pode agir em um estado de exceção, pode agir de forma a ancorar a ordem jurídica.

No livro 1984, o grande irmão acaba por representar esse soberano em meio ao Estado ditatorial existente, é ele que apresenta a figura de autoridade, e de messias, por ele a sociedade vive, é por ele que há o patriotismo, nele é visto a figura do salvador.

> Tirou do bolso uma moeda de vinte e cinco centavos. Ali também, em letras minúsculas e precisas, estavam inscritos os mesmos slogans, e do outro lado da moeda via-se a cabeça do Grande Irmão. Até na moeda os olhos perseguiam a pessoa. Nas moedas, nos selos, nas capas dos livros, em bandeiras, em cartazes e nas embalagens dos maços de cigarro — em toda parte. Sempre aqueles olhos observando a pessoa e a voz a envolvê-la. Dormindo ou

> acordada, trabalhando ou comendo, dentro ou fora de casa, no banho ou na cama —não havia saída. Com exceção dos poucos centímetros que cada um possuía dentro do crânio, ninguém tinha nada de seu. (ORWELL, 2016, p. 38 e 39).

Não importa onde o indivíduo daquela sociedade se encontra-se ele sempre seria seguido pelo grande irmão de perto. Isso ocorre porque o grande irmão precisa saber de tudo e controla todas as vidas daqueles súditos.

> Não havia lugar de destaque que não ostentasse aquele rosto de bigode negro a olhar para baixo. Na fachada da casa logo do outro lado da rua, via-se um deles. o GRANDE IRMÃO ESTÁ DE OLHO EM VOCÊ, dizia o letreiro, enquanto os olhos escuros pareciam perfurar os de Winston. (ORWELL, 2016, p. 12).

Bobbio (2015), fala em sua obra sobre a utilização de uma máscara por parte do soberano, essa, poderia ser tanto metafórica, quanto real. É interessante o argumento do autor, uma vez que, não são apenas os governantes a utilizar-se de máscaras para lidar com a vida real, mas sim, de um modo geral todos os convive em uma sociedade acabam por utilizar esse tipo de mecanismo, seja para esconder um momento triste, ou passar por uma situação desconfortável.

Porém, para o autor esse tipo de máscara leva um pensamento mais profundo quanto utilizada pelo soberano, ou pela figura no poder. Segundo Bobbio é possível observar o uso de uma máscara em dois sentidos, primeiramente no sentido real: “Em sentido real, a máscara transforma o agente em ator, a cena em palco, a ação política em representação (...) uma analogia imediata entre representação política e representação artística”. (Bobbio, 2015, p.52).

Bobbio (2015) ao se aprofundar nesse sentido, ao utilizar da visão citada de Hobbes, chama de ator aquele que utiliza-se da máscara e esse acaba por representar palavras e ações nos tribunais.

Canetti (2014), ao falar sobre isso explicita que quem utiliza a mascará aqueles que possuem feições que estão em constante movimento passam a ter feições rígidas e constantes, e é atrás desse tipo de mascará que começa a existir o segredo, e não se pode deixar que essa caia ou seja retirada, pois essa protege o segredo. Essa mascará é ameaçadora, pois, não é possível ler quem está atrás dela com bastante clareza.

Bobbio (2015), diz que um homem pode trocar a máscara infinitas vezes, portanto, pode ser diferente de várias formas, assumindo posturas conforme a situação lhe convém. Afirma ainda que nada prejudica mais a compreensão de seu adversário do que não permitir ver sua verdadeira forma e suas verdadeiras atitudes.

Em sentido metafórico:

> (...) o mascaramento ocorre sobretudo mediante a linguagem, que, sendo oportunamente usada, permite ocultar o pensamento. Esse ocultamento pode se dar de dois modos: ou usado uma linguagem para iniciados, esotérica, compreensível somente para os que integram o círculo, ou usando a linguagem comum para dizer o oposto do que se pensa ou para dar informações equivocadas ou já justificadas (BOBBIO, 2015, p.53).

O problema começa aqui para Bobbio (2015), uma vez que quando se leva o soberano a mentir, essa mentira pode acabar por ser legitimada. O senhor, não precisa manter sua palavra quando a ameaça é iminente, ou quando se vê em perigo. Portanto, essa máscara pode acabar sendo utilizada para momentos em que um soberano busca manipular ou proteger seu status. Da mesma forma, para Schimitt (1996) a promessa do soberano pode ser quebrada quando há uma emergência.

O grande segredo da trama que envolve a figura do soberano é a revelação de que o Grande Irmão está acima de um simples homem que se estabeleceu no poder, ele é maior que isso, ele é uma ideia, um conceito, uma máscara que irá legitimar as ações dentro do partido, quando a máscara é retirada e nos é revelado que essa figura nunca existiu em sua forma humana, sua existência reside unicamente no que aquela máscara representa.

> (...) "Vocês a torturaram."
> O'Brien deixou isso sem resposta."Próxima pergunta", disse.
> "O Grande Irmão existe?"
> "Claro que existe. O Partido existe. O Grande Irmão é a personificação do Partido."
> "Mas existe da mesma maneira que eu existo?"
> "Você não existe", disse O'Brien.
> Mais uma vez foi assaltado pela sensação de impotência. Conhecia, ou intuía, os argumentos que demonstravam sua inexistência; eram, contudo, argumentos absurdos, meros jogos de palavras. Porventura a afirmação: "Você não existe" não continha um absurdo lógico? Mas de que valia alegar isso? Sua mente esmorecia à medida que pensava nos argumentos irrespondíveis e insanos com que O'Brien o aniquilaria. (...) (ORWELL, 2016, p. 303).

Portanto, o grande irmão nunca existiu como homem, mas unicamente como uma ideia que será levada para todos governados na Oceânia. O diálogo do livro prossegue:

> (...) "Eu acho que existo", disse penosamente. "Tenho consciência de minha própria identidade. Nasci e vou morrer. Tenho braços e pernas. Ocupo um ponto particular no espaço. Nenhum outro objeto sólido pode ocupar simultaneamente esse mesmo ponto. É nesse sentido que o Grande Irmão existe?"
> "É irrelevante. Ele existe."
> "O Grande Irmão vai morrer um dia?"
> "Claro que não. Como ele poderia morrer? Próxima pergunta." (...) (ORWELL, 2016, p. 303 e 304).

A ideia de o Grande Irmão não ser um homem é tão exaltante que pula aos olhos do personagem Winston, acaba por levar a reflexão existencial, tendo uma reposta ainda mais difícil de se admitir, o personagem acaba de ser questionado a cerca de sua própria existência.

Faz-se necessário ainda explicitar mais um caráter como soberano que a figura do grande irmão acaba por ter no livro. O grande irmão também possui um inimigo público e declarado, sendo esse Goldstein, que é utilizado como símbolo assim como a figura do grande irmão, mas tendo o peso contrário, o peso de receber todo o ódio que aquela sociedade era capaz de exalar.

6 CONCLUSÃO

Como é possível perceber as obras embora escritas em épocas diferentes, ainda se conversam, além de demonstram suas similaridades. Dessa forma, o trabalho buscou analisar passagens do livro 1984 que fariam frente ao que foi explicitado no livro de Norberto Bobbio.

O poder visível faz referência ao que encontrasse em governos democráticos, ao passo que o invisível e o oculto acaba por fazer pontes a poderes autocráticos e tirânicos, tendo como pano de fundo o soberano que vem cuidar para que seus súditos não se voltem contra ele além de não perder seu reino para usurpadores.

A Democracia jamais pode agir no escuro, ela por definição é o governo do visível. Quando se abre margem para a invisibilidade, permite-se que o segredo tome conta do governo, e desse modo, consegue-se um despotismo generalizado.

A distopia pós-guerra nuclear orwelliana é uma denúncia sobre as possíveis perdas de liberdade que podemos sucumbir em momentos de crise. O Conceito de Segredo e o quanto ele é importante para a democracia em Norberto Bobbio é fundamental para a compreensão do Estado totalitário da Oceânia em Orwell. O Estado é formado pela ideia do Segredo.

O Segredo chega ao ápice na linguagem usada pelo Partido, que reconhece a sua inspiração no nazismo e no stalinismo. A novafala elimina abstrações, elimina a capacidade crítica. Enquanto que o duplipensamento permite que se aceite conceitos antagônicos pela simples mistura. Liberdade passa a ser escravidão e as ideias de politicamente livre e intelectualmente livre vão sendo eliminadas. Eliminam-se as capacidades de reflexão e crítica para que não se questione o Partido.

Os segredos guardados no livro de George Orwell só demonstram como o Grande Irmão foi utilizado como uma máscara para que o Partido pratique seus atos de forma a conter a sociedade e para que ela não se rebelasse.

Assim como, o soberano ao utilizar-se de seus próprios súditos para que um investigue o outro, fazendo com que crianças se tornem espiões desde muito cedo para o governo, trabalhando a ideia mencionada por Bobbio (2015) que um governo autocrático o soberano tudo vê, mesmo que quem não está em volta não o veja.

É válido citar a ideia de caça às bruxas exposta em Bobbio (2015) também se encontra no livro 1984, onde qualquer pessoa que vai contra o regime é visto como ameaça iminente, além do governante concentrar o ódio popular no grande conspirador que a figura de Goldstein representa, uma vez que, é necessário um inimigo à espreita. Essa ideia fica nítido na passagem do livro onde Orwell (2016) descreve o que seria os dois minutos do ódio, onde todos se reúnem para soltar suas mazelas em um ódio conjunto contras figuras apresentadas contra o Grande Irmão.

Conclui-se que ambas as obras são necessárias à conexão de direito, arte e literatura, e exprimem a dicotomia entre governos, democráticos e autocráticos, repressão e segredos. O Direito está ligado a cada uma dessas questões, intrínseco a ideia de governo e de democracia, dentro de deveres em exageros e direitos retirados, visando a emergência e ao conteúdo depositados nas obras.

Por mais que Norberto Bobbio busque conceituar e defender uma democracia pública, e Orwell mostrar como podemos facilmente abrir mão de nossas liberdades, ambos fazem um alerta sobre momentos em que a democracia se perde, ou se corrompe. Contudo, seus alertas têm sido muito mais utilizados e seguidos como uma cartilha do que com um modo de evitar o desparecimento da democracia.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGAMBEN, Giorgio. **Estado de Exceção**. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2004.

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado Federal: Centro Gráfico, 1988. 292 p.

BOBBIO, Norberto. **Democracia e segredo**. 1. ed. São Paulo: Unesp, 2015.

CANETTI, Elias. **Massa e poder**. 1. ed. Lisboa: Cavalo de Ferro. 2014.

CULT. **Sobre Norberto Bobbio**. Disponível em: < https://revistacult.uol.com.br/home/sobre-norberto-bobbio/>. Acesso em: 30 mar. 2019.

OPPERMANN, Álvaro. **Saiba mais sobre o livro 1984, de George Orwell**. Disponível em: <https://guiadoestudante.abril.com.br/estudo/saiba-mais-sobre-o-livro-1984-de-george-orwell/>. Acesso em: 30 mar. 2019.

ORWELL, George. **1984**. 1. ed. 28ª reimpressão. São Paulo: Companhia das letras, 2016.

SCHIMITT, Carl. **A crise da democracia parlamentar, Teologia política**. 1. ed. São Paulo: Página Aberta, 1996.